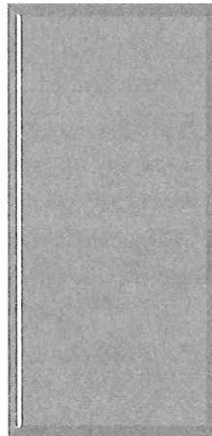


Elaine Talma Saiane*

*O aprendizado como veículo
socializador na Terceira Idade*

(*) Ex-aluna da Universidade de Sorocaba – Uniso



RESUMO

A forma de se pensar a velhice como fenômeno biológico não descarta a variável do contexto no qual o homem está inserido. O artigo caminha por essa via, buscando entender a questão da velhice através da história, desde as sociedades primitivas até os dias de hoje, com a criação das Universidades da Terceira Idade. Explicita o caso da Uniso para dizer que ser idoso é ser genericamente humano. Não se trata do tempo sob signo de *chrónos* e, sim, de *kairós*.

ABSTRACT

*To consider the old age as a biological phenomenon means to take into account the context in which the subject is inserted. This paper deals with this discussion and attempts to understand the elderly issue through history, from the ancient societies to the present, with the creation of the Universities for Third Age. It describes the Uniso experience, in order to conclude that being old is being generically human. Time is not see as *chrónos* but *kairós*.*

Introdução

Os gerontologistas definem o envelhecimento como a redução da capacidade de sobreviver. De fato, como observa Carvalho Filho, o envelhecimento

pode ser conceituado como um processo dinâmico e progressivo onde há modificações tanto morfológicas, como funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte¹.

Desse processo é que nasce o conceito de imortalidade. Buscamos-la, através de recursos tecnológicos (cirurgias plásticas, correções), em grandes feitos sociais (obras humanitárias) ou no campo das artes. O ser humano não concebe a idéia do transitório, do “estou de passagem”. Daí surgirem as dúvidas existenciais, como “qual o objetivo da vida?” “Vale a pena?” “Se tudo é efêmero, por que nascemos?”

Até o início do século XIX, existiam três teorias sobre o envelhecimento humano. A primeira derivava do conceito bíblico: a espécie humana já foi perfeita, mas o pecado original provocou sua desgraça, cujo sinal principal ficou sendo a morte. A segunda vinha do aspecto místico: em algum lugar distante existiriam pessoas que saberiam qual o segredo da imortalidade. Finalmente, a terceira fundava-se na crença de que em algum lugar do mundo existiria uma fonte cristalina de milagrosas águas, cujo poder seria o de restaurar o vigor e a juventude perdidos.

No século XX, através da ciência e das várias correntes que estudam a velhice, suas causas e conseqüências, começamos a entender e a conceituar com mais clareza o processo de envelhecimento. Alguns pesquisadores consideram que os mecanismos do envelhecimento estão relacionados com a capacidade de sintetizar proteínas. Elas correspondem a 15% dos componentes do organismo e são responsáveis pela constituição das estruturas dos órgãos, tecidos e enzimas, além dos componentes dos sistemas bioquímicos relacionados à reprodução de energia. A ausência de síntese protéica causaria o envelhecimento.

¹ Eurico Thomaz C. Filho, *Geriatría: fundamentos, clínica e terapêutica*. São Paulo: Atheneu, 1994, p. 27.

Entretanto, biologicamente, não existe um único fator que determina a decrepitude do ser humano. Ainda que fiquemos velhos, muitas células do nosso corpo continuam a ser substituídas por novas, por meio de uma divisão contínua. Como exemplo dessas células divisoras estão as do sangue, da pele, a do forro dos intestinos. Existem células que, raramente, se dividem, como as células dos rins, do cérebro, do músculo cardíaco, das lentes dos olhos.

A Organização Mundial da Saúde classifica o envelhecimento em quatro estágios que indicam o desgaste biopsicomotor: meia-idade (45 a 59 anos), idoso (60 a 74 anos), ancião (75 a 90 anos) e velhice extrema (90 anos em diante). Porém, a forma de se pensar a velhice como fenômeno biológico descarta a variável do contexto social no qual o homem está inserido.

Nogueira e Capitanini explicitam que a velhice, assim como outras categorias etárias – infância, adolescência, por exemplo – são construções sociais e retratam a forma como a sociedade concebe as etapas da vida, de acordo com a ideologia vigente, o momento histórico, as necessidades organizacionais do grupo, enfim, variáveis do contexto social. O envelhecimento é um processo biológico conceptualizado, cultural e socialmente construído e conjunturalmente definido. A noção de pessoa varia de sociedade para sociedade, estando associada a um ideal de ser social. É construída socialmente de diversas formas.

Com ênfase no contexto social, Freire e Sommerhalder afirmam² que Lenoir considera que a velhice é uma categoria cuja delimitação resulta do estado de relações de força entre as classes e, em cada classe, de relações entre as gerações, da distribuição do poder e dos privilégios entre as classes e entre as gerações. A realidade social é o resultado de todas essas lutas entre as gerações. A realidade social é o resultado de todas essas lutas entre gerações e classes sociais. E, enquanto categoria, as pessoas idosas não dispõem de meios sociais nem instrumentos de acesso à expressão pública. Pertencem ao que Goffman chamou de “categorias estigmáticas” que, incapazes de uma ação coletiva, devem submeter-se a uma organização superior para serem reconhecidas e entendidas como tais. Os representantes das “pessoas idosas” têm sido, sobretudo, os “especialistas” cuja competência é oficialmente reconhecida e remetida à especialidade científica chamada “gerontologia”. Seu trabalho político consiste em designar, oficialmente, e exprimir, legítima e legalmente, as necessidades de cuidados

² Sueli Aparecida Freire; Cinara Sommerhalder, Velhice e pós-modernidade. *Revista de Estudos Universitários*, Sorocaba, v. 25, n. 2, dez. 1999, p. 80.

culturais e psicológicos aos idosos. Há a difusão de uma “visão gerontológica” da velhice, que passa a ser aceita por todos, cientistas de outras áreas, políticos e leigos (idosos e não-idosos)”.

1. Velhice saudável: qualidade de vida.

É muito abrangente o sentido de **qualidade de vida**. É necessário visualizar o ser humano como um todo, com necessidades físicas, materiais e necessidades menos objetivas, como as afetivas e as sociais. É necessário ter em mente todo um conjunto de práticas que englobam a maneira de encarar, conviver e fortalecer os idosos, procurando, de uma maneira completa, proporcionar-lhes qualidade de vida. Carvalho Filho explicita os alicerces básicos para a real qualidade de vida:

Cada ser humano, desde o momento de sua geração, é único. São as experiências de vida, compreendendo seu nascimento, seu meio e sua concepção do mundo, que o tornarão um todo. Viver não é pura e simplesmente existir, mas desfrutar vida, qualidade de vida, desenvolvendo as potencialidades inerentes ao ser. O ser humano é um todo uno, integrado e organizado, no qual todos os sentidos, emoções e órgãos do corpo estão intimamente inter-relacionados. Com a idade, mudanças na aparência e no comportamento acontecem, mas não tiram o valor do indivíduo como pessoa humana, sua razão de viver e habilidade de aprender. O ser humano não é algo estático, mas profundamente dinâmico, que está num constante processo de mudança, e sua idade é uma questão de percepção e atitudes. A idade, portanto, é relativa. Cada fase do viver apresenta mudanças que são respostas a determinadas tensões no curso da vida e, como resultado dessas transformações e mudanças, acontecem perdas e ganhos. Os motivos para tais mudanças são identificados diversamente, como a necessidade de segurança, resposta, reconhecimento e novas experiências. Como percebemos, estas necessidades são comuns a todo ser humano. A preocupação com os idosos não é diferente da preocupação pela vida em si. Nossa filosofia de vida afeta diretamente os pensamentos, comportamentos e atitudes em relação ao idoso. Tal comportamento é altamente indicativo do valor que damos à vida humana em si mesma³.

³ Eurico Thomaz C. Filho, op. cit. p. 428.

Com base nas necessidades humanas, a Organização das Nações Unidas criou a Declaração dos Princípios para os Idosos (03 de dezembro de 1982). O texto relaciona cinco princípios básicos:

1. **Independência:** idosos devem ter acesso a comida, água, abrigo, roupas e cuidados médicos; devem ter oportunidade de trabalho e estudo e devem morar em sua própria casa o maior tempo possível.

2. **Participação:** idosos devem permanecer integrados à sociedade, participando da elaboração e da implementação de políticas que afetem diretamente o seu bem-estar, devem desenvolver maneiras de servir à comunidade e dividir seus conhecimentos com os jovens.

3. **Bem-estar:** idosos devem ser beneficiados pela proteção dos familiares ou da comunidade, por serviços legais e de assistência social, por planos de saúde; devem ter seus direitos humanos respeitados.

4. **Desenvolvimento:** idosos devem estar aptos a buscar oportunidade para desenvolver seus potenciais e ter acesso aos recursos educacionais, culturais, religiosos e de recreação que a sociedade ofereça.

5. **Dignidade:** idosos devem viver com dignidade e segurança, livres de explorações e maus-tratos, devem ser tratados com justiça, independente de idade, sexo ou raça.

2. Um pouco de história

Na maioria das sociedades primitivas, desde os primórdios, o ancião era respeitado quase como um ser sobrenatural, pois sua longevidade se vinculava à sabedoria, experiência e, como um prêmio concedido pelos deuses àqueles que lhes obedecessem sem restrições. Já a cultura grega relegava aos velhos um papel subalterno. Para os gregos, que cultuavam a força e a beleza, a velhice e a morte estavam inseridas nos *keres* (males da vida) e o caráter irremediável da velhice era tido como um castigo.

Nas culturas **chinesa**, o velho era “sagrado” e o desejo máximo de todos era alcançar o fim dentro da maior longevidade possível. Nas culturas **Inca** e **Asteca**, a história de vida do ancião era passada de pai para filho, através de lendas e fábulas e seus feitos eram glorificados em contos mitológicos. Ao idoso era reservado um espaço de “aula” em que os jovens aperfeiçoavam atributos especiais: funções religiosas, controle da propriedade da família, aptidão para magia, destreza para guerras.

A cultura que melhor exemplifica a importância dos velhos nas sociedades primitivas vem dos romanos. O próprio Direito Romano concedia uma autoridade muito particular aos anciãos na figura dos “pater família”. Aos anciãos (que eram membros influentes do Senado, como patrícios), cabia a última palavra nas questões de sociedade, família e administração pública (alguns cargos públicos só poderiam ser exercidos por homens de mais de 60 anos). Entretanto, no desenvolvimento da sociedade romana, a figura dos anciãos vai sendo cada vez mais embaçada por jovens e resolutos guerreiros, começando, então, o processo de decadência da supremacia idosa.

Em toda a Bíblia é comum a referência aos anciãos, como pessoas sábias, dotadas de um alto grau intelectual e, ainda, moralmente corretos e respeitadores dos costumes e crenças de seu povo. Moisés, por exemplo, no livro Êxodo, reúne os anciãos de Israel e delega a eles poder de decisão.

Na época do Renascimento, a velhice esteve associada aos males do Diabo, e muitas foram as mulheres velhas que pereceram em fogueiras em nome dessa crença. Nos séculos XIV e XV, devido às epidemias e pestes, ironicamente, muitos velhos foram poupados, fortalecendo, assim, o poder político e econômico das pessoas de idade avançada. Mas no século XIX, diante das características da Revolução Industrial, a velhice volta a estar associada à decrepitude e senilidade.

Hoje, os próprios velhos, em face da discriminação, tentam negar a velhice como meio de afastá-la. Junqueira enfatiza este tema dizendo que “para igualar-se ao jovem, frente ao mercado, vestem-se ou penteiam-se sem querer mostrar que são mais moços, mas, nas atitudes diante dos que têm menos idade, esforçam-se para mostrar uma alegria e um dinamismo que não lhe são próprios⁴”.

Do mesmo modo, Beauvoir ressalta que é comum ao homem temer as transformações naturais de sua espécie: quando criança, teme transformar-se em adulto e, quando adulto, teme transformar-se em velho. A velhice surge, então, como uma desgraça pela decadência física por ela acarretada.

A juventude, por sua vez, por receber tantas informações preconcebidas sobre a velhice, atribui aos velhos fraqueza, aborrecimento e incapacidades. Neri⁵, definindo os chamados ageism – preconceitos com base pretensamente científica, levanta aqueles que se referem à velhice:

⁴ Ester Dalva Silvestre Junqueira, *Velho, e por que não?* Bauru: EDUSC, 1998, p. 43.

⁵ Anita Liberalesso Neri (org.). *Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas: Papirus, 1995, p. 228.

1. A velhice está associada à senilidade ou deterioração mental;
2. O isolamento social é uma tendência universal na velhice;
3. O idoso não é capaz de novas aprendizagens;
4. As pessoas idosas não são criativas;
5. A vida sexual / afetiva do idoso é naturalmente pobre⁶.

4. Universidade da Terceira Idade: o caso Uniso

A manutenção da capacidade de aprendizagem e de memorização de novas informações, na velhice, principalmente quando esse aprendizado responde aos interesses da pessoa idosa, é comprovada pelo sucesso que os programas do tipo Universidade da Terceira Idade vêm obtendo, tanto na realidade européia como no Canadá, Estados Unidos e, mais recentemente, no Brasil. Daí a existência de programas ligados a universidades, como USP, PUCs e, em Sorocaba, Uniso.

Embora varie na duração, local de realização e conteúdo programático, pode-se dizer que todas as Universidades da Terceira Idade se direcionam às áreas de interesse e necessidades comuns aos idosos. Geralmente, compõe-se de informações sobre aspectos biopsicossociais do envelhecimento, preparação para aposentadoria, cursos de atualização cultural.

Assim como as universidades, outros setores começam a perceber os interesses e necessidades das pessoas da terceira idade – com destaque para os segmentos voltados para o lazer e a cultura. Diante do interesse e da vivacidade de um grande contingente de idosos, todo um eixo econômico e social está-se redirecionando. Desde questões de ordem filosófica e moral até questões que atingem as necessidades cotidianas dos idosos estão sendo revistas por aqueles que enxergam, na velhice, o novo filão do sistema capitalista. *Designers* estão sendo alterados, hábitos nutricionais, de higiene e segurança estão sendo produzidos para atender às necessidades dessa nova classe emergente.

Do ponto de vista histórico, a Universidade da Terceira Idade surgiu como proposta de integração do idoso à sociedade e, em oposição às instituições asilares que, pelo seu caráter fechado, acabavam amputando o significado dos valores dos idosos e sua própria identidade. Embora existisse a preocupação em oferecer lazer, diversão, passeios e viagens, com o

⁶ Id., ib., p. 228.

tempo, foi-se percebendo que os velhos estavam sendo infantilizados. Passou-se, então, a estabelecer formas de promoção e enriquecimento pessoal maiores, em todas as atividades desenvolvidas com idosos.

Sob o ponto de vista de Salgado⁷, um dos princípios fundamentais da Universidade da Terceira Idade deve ser a integração de gerações em espaços onde o jovem e o velho, convivendo, educando-se ou reeducando-se com troca de experiências, emoções e afeto, (re)construam-se mutuamente, o que, especialmente para o velho, significa vida.

Em 1996, a Universidade de Sorocaba – Uniso – implantou sua Universidade para a Terceira Idade. Os objetivos dessa implantação identificaram-se com os programas previstos por outras universidades: integração do idoso no contexto social como “ser ativo”, sujeito da história e sua participação nos movimentos da sociedade.

Hoje os cursos oferecidos apresentam-se como disciplinas eixo, disciplinas complementares e disciplinas práticas. As **disciplinas-eixo** são temas ministrados por geriatras e especialistas em comportamento, que abrangem aspectos biológicos do envelhecimento, aspectos culturais e introdução ao programa neurolingüístico. Visam a trabalhar o ser humano holisticamente para promover uma convivência mais harmônica com o próprio eu e com as limitações inerentes a cada um. As **disciplinas-eixo** estão voltadas para os aspectos individual e aspectos biopsicossocial do sujeito, permitindo maior compreensão e menor angústia quanto ao significado de “estar velho”.

As **disciplinas complementares**, por sua vez, abordam temas de maior contexto informativo, de lazer e cultura: contexto histórico e turístico de Sorocaba e região, bem como questões relativas à literatura brasileira; são temas ministrados por profissionais das áreas respectivas. Este eixo possui as informações necessárias para que os alunos possam se situar geográfica e culturalmente.

As **disciplinas práticas** abordam a educação artística e musical (incluindo a atuação de um coral composto pelos alunos), sob a regência de um maestro; técnicas e dinâmicas de grupo e atividades extra-classe, cuja responsabilidade é atribuída à coordenadora do curso da Universidade da Terceira Idade.

⁷ Marcelo Antonio Salgado, *Velhice, uma nova questão social*. 2.ed. São Paulo: SESC-CETI, 1982, p. 28.

Uma pesquisa efetuada em 2000 para uma população de 44 alunos, com o objetivo de verificar a contribuição do curso à vida pessoal, obteve o seguinte resultado: amizade/convívio – 64%; aceitação a mudanças – 18%; valorização/motivação/auto-estima – 16%; contribuições positivas diversas – 14%; aspecto cognitivo/cultural – 5%. Todas as respostas do gênero feminino, dada a circunstância de, no momento da pesquisa, nenhum homem estar freqüentando a Universidade para a Terceira Idade.

Nogueira e Capitanini, ao discutirem a construção social das etapas da vida, chamam a atenção para o fato de que “no Brasil o envelhecimento é tipicamente feminino, a periodização da velhice na mulher é mais nítida; esteticamente e, numa cultura machista, o aspecto físico do homem velho é mais tolerado, podendo ele facilmente envolver-se com mulheres mais novas, sem preconceitos. A imagem da velhice na mulher ainda é diferenciada; há preconceito sobre o envolvimento sexual de mulheres mais velhas com jovens, cobra-se um corpo dentro dos padrões de juventude, cabelos tintos, pele sem rugas, etc. Cada vez mais o indivíduo é responsabilizado pelo seu próprio envelhecimento e isto afeta sua auto-estima, o que leva muitas mulheres a se sentirem “culpadas”, por não conseguirem o idealizado padrão de beleza. Por outro lado, mais mulheres que homens participam de grupos de convivência, universidades abertas, buscando novas formas de envelhecer. A mobilização de pessoas em busca de socialização, atividades intelectuais, etc., rompe o estigma do isolamento que fará com que questões sobre o envelhecimento deixem o domínio privado da família, da medicina, da religião, para influenciar o conhecimento e a construção de novas representações da velhice”. (1999:82)

Conclusão

Para muitos, o Brasil ainda é um país jovem. Essa afirmação, hoje, não corresponde por completo à realidade. Fica claro, se observarmos os dados estatísticos – Fundação IBGE que comprovam o crescimento da população idosa brasileira, conforme a tabela que segue.

O aumento do número de idosos na população deve-se à diminuição da mortalidade em função dos investimentos científicos e tecnológicos. A diminuição da fecundidade significa menos filhos por mulher em idade fértil. Mas a longevidade é desejada pelos indivíduos, desde que não se

Distribuição da população total do Brasil e da população de 60 anos ou mais

População Anos	População Total	População com 60 anos ou mais	Porcentagem da População Idosa sobre a População Total
1940	41.236.315	1.675.534	4,1
1950	53.944.397	2.205.341	4,1
1960	70.119.071	3.313.623	4,7
1970	93.139.037	4.716.208	5,1
1980	119.069.542	7.699.059	6,5
1990	156.699.307	10.616.915	6,8
2000*	179.486.530	15.540.570	8,7
2025*	322.666.670	34.000.000	10,5

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 1980. - *Estimativa.

sintam dependentes e velhos. Querem uma velhice plena de significados, biologicamente saudável, que faça parte de toda a dinâmica da sociedade.

Neri enfoca, com muita propriedade, esse aspecto em que os ganhos da velhice não são divulgados, porque os estudos sobre o envelhecimento normal são tão jovens quanto a própria gerontologia. E porque o envelhecimento apenas começa a ser um fenômeno social e a velhice passa a integrar as noções correntes sobre o curso da vida, deve-se isso, em parte, porque essa faixa populacional ainda não exerce demanda suficiente sobre os profissionais especializados ou por termos poucos profissionais formalmente educados, para proporcionar atendimento às necessidades desses indivíduos. Aqui entra o papel da Universidade da Terceira Idade, tornando o aprendizado um veículo socializador na velhice.

Viver uma velhice satisfatória excede os limites da responsabilidade individual pelo caráter sociocultural do envelhecimento, ligadas, principalmente, às frágeis estruturas sócio-político-econômicas do nosso país. No romance *Contravida*, o escritor paraguaio, Augusto Roa Bastos, atinge um momento de densa precisão poética, ao dizer que “a velhice é a enfermidade: a enfermidade. A única enfermidade incurável que existe no mundo e que mata as pessoas antes que elas morram”. Acompanhando Simone de Beauvoir, fica claro o dizer de Roa Bastos: “ser idoso, para muitos, causa mais medo que a própria morte”.

Numa sociedade desvencilhada de ordens sociais tradicionais, mudando constante e rapidamente, viver a velhice pode tornar-se uma experiência profundamente rica ou extremamente ameaçadora. Mas ser idoso é ser

genericamente humano, não importa o ponto de vista cronológico nem o *status* físico, social ou mental. Este ser não é **chronos**, mas **kairós**, ou seja, não é apenas o cronológico mas, principalmente, um ser que tem seu tempo próprio para a ação. Um tempo vivido.

Concluimos com Simone de Beauvoir:

Exigir que os homens permaneçam homens em sua idade mais avançada implicaria uma transformação radical. Impossível obter esse resultado através de algumas reformas limitadas...elas mostram que é preciso retomar tudo desde o início. E é por isso que a questão passa tão cuidadosamente em silêncio; é por isso que urge quebrar o silêncio...⁸

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *Na força da idade*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

_____. *A velhice*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz. *Geriatrics: fundamentos, clínica e terapêutica*. São Paulo: Atheneu, 1994.

CONI, Nicholas. *O envelhecimento*. São Paulo: Experimento, 1996.

FREIRE, Sueli Aparecida; SOMMERHALDER, Cinara. Velhice e pós-modernidade. *Revista de Estudos Universitários*, Sorocaba, v. 25, n. 2, p. 47-55, dez. 1999.

JUNQUEIRA, Ester Dalva Silvestre. *Velho, e por que não?* Bauru: EDUSC, 1998.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: SESC, 1998.

NERI, Anita Liberalesso (org.). *Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas: Papyrus, 1995 (Coleção Vivacidade).

_____. *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papyrus, 1993.

NOGUEIRA, Eliete Jussara; CAPITANINI, Marilim Elizabeth Silva. Construção social das etapas da vida: reflexões sobre a velhice. *Revista de Estudos Universitários*, Sorocaba, SP, v. 25, n. 1, p. 75-83, jun. 1999.

⁸ Simone de Beauvoir, *Na força da idade*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1989, p. 14.

- POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos – Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1998.
- RODRIGUES, Rosalina Aparecida Partezani; DIOGO, Maria José Délboux (orgs.) – **Como cuidar dos idosos**. Campinas: Papirus, 1996. (Coleção Vivacidade).
- SALGADO, Marcelo Antonio. **Velhice, uma nova questão social**. 2.ed. São Paulo: SESC-CETI, 1982.
- SIMÕES, Regina. **Corporeidade e Terceira Idade**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.
- REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:
- Cruzeiro do Sul, Sorocaba, 2 abr, 2000. Suplemento Especial “3ª Idade”.
- Folha de S. Paulo, São Paulo, 8 jun. 1999. Folha/Ciência, p. 14.
- Folha de S. Paulo, São Paulo, 26 set.1999. Caderno Especial “Mais Velhos”.

Endereço para correspondência:
Alameda das Petúnias, 40 – Jardim Simus
CEP 18055 – 670
SOROCABA - SP

